

# Nathan Glazer\* recorda Marty Lipset

*Colegas no City College de Nova Iorque nos anos de 1930, Nathan Glazer e Martin Lipset atravessaram os grandes debates políticos e sociais do século XX.*

**S**eymour Martin Lipset, o distinto sociólogo político que morreu a 31 de Dezembro de 2006, relembra numa das suas memórias como, no City College de Nova Iorque, trocou o curso de ciências – com vista a ser dentista – pelo de sociologia. Durante a Grande Depressão, o único membro da sua família que prosperara tinha sido um tio dentista – esta parecia ser uma profissão segura. Mas Pete Rossi, um estudante e membro da Trotskyist Young People’s Socialist League, disse-lhe que a sociologia era o caminho a tomar – poderia proporcionar uma carreira de assistente social, e, como haveria sempre pessoas com problemas nas sociedades capitalistas, haveria sempre trabalho para os assistentes sociais. Eu era colega de Lipset e pensava o mesmo. Após ter tentado vários cursos, eu próprio voltei-me para a sociologia, tendo em vista o exame federal para um emprego na função pública, que, caso passássemos, pagava \$17 por semana. Claramente, nenhum de nós, jovens defensores da revolução socialista, encarávamos a sua quase-possibilidade muito seriamente.

Apesar de tudo, migrámos todos para a anti-Estalinista *Alcove One* no bar do City College (nunca comprávamos nada, trazíamos sanduíches de casa.) Trotskistas, democratas sociais de várias convicções, zionistas de esquerda (tal como eu), todos pairávamos por ali. Aprendíamos uns com os outros – e não tenho nenhuma queixa sobre a educação formal do City College. Nas suas memórias, Lipset recorda o dia em que Philip Selznick (que também se tornou um distinto sociólogo) trouxe para a *Alcove* o livro *Political Parties* de Robert Michels. Michels foi uma revelação. Ele explicava porque é que os partidos socialistas não traziam o socialismo; como e porquê se tornavam burocracias; porquê, apesar de um compromisso para com a democracia, não eram democráticos e, porquê a Revolução Bolsheviqna na Rússia acabou numa ditadura totalitária. Michels marcou a agenda de Lipset durante grande parte da sua carreira académica. Uma questão em particular esteve sempre presente nas suas pesquisas: porque não houve um partido socialista relevante nos Estados Unidos? Lipset também avaliou, constantemente, em muitos livros, a questão do estabelecimento e manutenção da democracia, nas organizações e nas sociedades.

Lipset foi único entre nós a conseguir iniciar imediatamente uma carreira académica. Alguns de nós sonhávamos com essa possibilidade. O City College tinha uma bolsa disponível, tanto quanto sabíamos, e Lipset conseguiu-a e foi para a Universidade de Columbia (falou-me do extraordinário Robert Merton, que mais tarde foi meu professor) e encontrou, através das suas vastas leituras de jornais e revistas académicas, um tema para uma dissertação que abordava as suas principais preocupações: Saskatchewan, uma província canadiana a ocidente, o único estado da América do Norte a ter eleito um governo socialista. Lipset partiu para estudar como aconteceu e as suas consequências. Também avaliou porque o mesmo não aconteceu do outro lado da fronteira, na Dakota do Norte, que tinha uma estrutura e condições económicas muito parecidas – e onde a Non-Partisan League, uma organização radical parecida com a socialista Cooperative Commonwealth Federation que tinha assumido o poder em Saskatchewan, também era dominante. Este estudo levou-o a ponderar as diferenças entre o Canadá e os Estados Unidos, como as estruturas das sociedades historicamente determinadas impõem limites ao seu desenvolvimento que são difíceis de ultrapassar – o que se tornou o interesse de toda uma vida. O Canadá (isto é, o Canada anglófilo) foi influenciado pelo facto de não ter rompido com a Inglaterra através da revolução, por ter acolhido imigrantes que se opunham à revolução e à ruptura com o Reino Unido. O Canadá era conservador, e, paradoxalmente, o seu conservadorismo tornou possível o seu Estado-Providência, parecido com os da Europa, moldados tanto por políticos conservadores como pelos seus opositores socialistas. Os Estados Unidos, em contraste, era individualista e anti-estatista. O seu igualitarismo era mais social do que económico e procurava antes a igualdade de oportunidade, em vez da igualdade de resultados.

Este estudo resultou na publicação de *Agrarian Socialism* e foi o primeiro passo no esforço de uma vida de Lipset em tentar perceber porquê os Estados Unidos, único entre os principais países industrializados, nunca tinha tido um partido socialista de massas. Durante a sua carreira, Lipset abordou este assunto inúmeras vezes, e foi o tema do seu último

livro (com Gary Marks), *It Didn't Happen Here*. Inicialmente, ele colocou grande peso no contraste entre o sistema eleitoral americano e as suas eleições presidenciais de sistema *winner-take-all*, e sistemas parlamentares que pareciam favorecer os partidos minoritários. Mas, a seu tempo, Lipset deu menos importância ao significado destas diferenças, ao observar terceiros como George Wallace, John Anderson, e Ross Perot. Acabou por concluir que eram os valores americanos - individualismo, anti-estatismo, um tipo diferente de igualitarismo - que explicam a indiferença do país ao socialismo.

Lipset, tal como muitos radicais dos anos 1930 e 1940, tornou-se um admirador dos Estados Unidos: do seu sistema político, da sua sociedade aberta, da sua democracia, das suas oportunidades - das quais ele e os seus amigos tinham beneficiado. Esta admiração pela América ajudou Lipset a afastar-se do socialismo. Lembro-me de o ter encontrado na manhã após a eleição de 1948. Ambos tínhamos votado em Norman Thomas, mas estávamos satisfeitos com a surpreendente vitória de Harry Truman. O que dizia isto do nosso socialismo?

A evolução de Lipset tornou-o, com outros cientistas sociais da sua geração e origem, alvos da nova esquerda estudantil dos anos 1960. Lipset e os seus velhos amigos radicais que a ele se tinham juntado a ele na academia, descobriram, no período de perturbação estudantil, como apreciavam o papel das universidades como locais de pensamento independente, não viam a razão para que a autoridade destas instituições fosse minada, e achavam excessivas ou injustificadas tanto a resistência por parte dos estudantes de esquerda à investigação sobre interesse nacional, como o recrutamento que o governo fazia nas universidades. Lipset, ao contrário de muitos outros cientistas sociais, não se envolveu especialmente com o Ministério da Defesa, nem na investigação de apoio à política externa norte-americana. Mas os seus estudos sobre as condições para a democracia em sociedades em desenvolvimento, um dos seus interesses principais, tornaram-no numa autoridade pioneira sobre a política de locais que eram para nós relevantes na nossa competição mundial com o comunismo soviético e foram úteis para a investigação patrocinada pelo governo. Mantinha uma amizade com cientistas sociais importantes que levavam a cabo esta pesquisa social com uma orientação pragmática e financiada federalmente, pensada para promover objectivos nacionais.

À medida que a esquerda estudantil se tornou cada vez mais hostil ao que chamava de *Amerika*, Lipset, com a sua profunda admiração pela América, moveu-se para o que ele considerava ser o centro - e o que os estudantes radicais consideravam ser a

direita. Ele pode não se ter considerado a si próprio um neoconservador, à medida que essa tendência emergia nos anos 1970, mas os neoconservadores faziam parte do seu círculo intelectual e social. Ele escrevia para as suas revistas, e a sua pesquisa cada vez mais valorizava o papel dos valores, em oposição aos interesses económicos e de classe. Um dos seus artigos mais provocadores e discutidos foi "Democracia e Autoritarismo das Classes Trabalhadoras", segundo o qual, enquanto os pobres situam-se sempre mais à esquerda no que diz respeito a questões económicas, já em questões não económicas - para apoiar, por exemplo, direitos civis para dissidentes políticos, direitos civis para minorias étnicas e raciais, políticas externas internacionalistas e legislação sobre imigração - situam-se no campo oposto. Os sociólogos marxistas e socialistas não gostaram desta afirmação, apesar de a conclusão ser fruto da pesquisa e não da ideologia

Mas Lipset, que sempre se considerou de esquerda, e nunca, creio poder adivinhar, votou num republicano para presidente, não via Wallace ou outros movimentos como arautos do fascismo, tal como alguns alarmavam. Ele estudou e escreveu sobre a história de movimentos de extrema direita - anti-semitas, anti-Católicos, anti-negros, anti-imigrantes, -- que ressurgem nos Estados Unidos, mas via-os como anomalias na experiência americana. Tinha fé na América. No seu livro mais interessante e original, *The First New Nation*, teve um papel importante ao redefinir a nacionalidade norte-americana como algo de novo no mundo. Baseava-se mais em ideias, princípios, valores, do que nas origens britânicas, na religião protestante, na maioria branca; não era a nacionalidade de um grupo étnico principal, mas algo de diferente. Em princípio, o mundo inteiro era considerado elegível para se tornar Americano.

Nesse livro, Lipset também mostrou uma admiração por George Washington, o que não é comum entre intelectuais, geralmente mais atraídos por Jefferson ou Hamilton ou Madison. Mas foi Washington que, ao retirar-se da liderança do exército no fim da revolução passados dois mandatos, e ao passar a presidência ao seu sucessor eleito, estabeleceu o padrão que tornou os Estados Unidos uma democracia estável. Escrevendo numa altura em que novas nações estavam a ganhar independência e liberdade, Lipset viu este como um excelente - de facto, crucial, modelo para os pais fundadores seguirem. Infelizmente, poucos o fizeram. Lipset foi mais longe do que qualquer outro na definição das condições que tornam a democracia um sucesso. E há muito na sua obra que poderia ajudar-nos a perceber porque temos fracassado ao tentar estabelecer regimes democráticos limitados pela lei noutras partes do globo.